

SITUAÇÃO DAS LÍNGUAS CLÁSSICAS NO REINO UNIDO

John V. MUIR *

1. A situação geral dos Estudos Clássicos no sistema educativo

Ninguém porá em dúvida que os Estudos Clássicos no Reino Unido estão actualmente a passar por uma "crise de identidade" tanto nas escolas secundárias como nas universidades. Persistem ainda padrões tradicionais em algumas escolas: cursos de tipo convencional de latim e de grego em escolas secundárias (ainda que transformados em muitas pela adopção de cursos de método indutivo, como o Cambridge Latin Course e seu equivalente para o Grego), o estudo intensivo e convencional de textos literários latinos e gregos para idades escolares compreendidas entre os 16 e os 18 anos, o estilo tradicional do curso universitário de Estudos Clássicos centrado em exercícios frequentes de leitura e comentário filológico tanto em grego como em latim.

Todavia, esses modelos tradicionais são adoptados cada vez em menor número de instituições e parecem mesmo mais ameaçados agora que há cinco anos atrás. Estamos até em crer que se não houvesse mais nada a oferecer por parte dos Estudos Clássicos no Reino Unido, muitas escolas já hoje não os admitiriam e muitas universidades, à parte Oxford, Cambridge e Londres, já nem sequer teriam Departamentos de Estudos Clássicos.

No entanto, a lição a extrair daqui para um Colóquio Internacional não é de fatal pessimismo - a formação clássica não foi definida para todo o sempre na segunda metade do século dezanove - e o aparecimento de novas formas pelas quais os Estudos Clássicos se propõem ajudar a formação geral de jovens em idade escolar e universitária pode muitas vezes

* Professor do King's College London.

afigurar-se extremamente preocupante e inseguro, mas não deixa de ter também uma certa dose de entusiasmo e mesmo eventualmente um certo sentido de libertação. Somos, ao que julgo, e não obstante muitos erros e desilusões, pioneiros na tentativa de encontrar um lugar certo para os Estudos Clássicos, dentro de um padrão educativo para curso geral, e estamos a tentar também aplicar os resultados às nossas universidades.

2. A situação na Universidade

Oxford, Cambridge e mais uma ou duas universidades continuam a oferecer cursos tradicionais à maior parte dos seus alunos. A maioria dos estudantes chegam à universidade com alguns conhecimentos escolares de latim, mas grande parte não estudam grego na escola secundária. Por isso, até Oxford e Cambridge oferecem cursos elementares para principiantes, e o mesmo fazem todas as outras universidades.

Contudo, a mudança mais significativa nas universidades do Reino Unido, à parte Oxford e Cambridge, é sem dúvida o desenvolvimento de cursos universitários de graduação que oferecem um panorama um tanto alargado da cultura latina e grega, que obrigam a abundantes leituras em tradução e cobrem um leque de tópicos muito mais vasto do que anteriormente. Exigem-se, é verdade, conhecimentos de língua para tais cursos, mas o estudo das línguas clássicas desempenha papel menos significativo que no passado, ficando por vezes reduzido a curso intensivo para quem apenas iniciou o estudo de grego, ou mesmo de latim, na universidade. Estes cursos de graduação voltados para a cultura clássica são dados geralmente em Departamentos de Línguas Clássicas, paralelamente a cursos mais convencionais e tradicionais, de cunho filológico, e estão a ter cada vez maior aceitação. Não são alternativa para facilitar, e há quem pense que constituem uma forma melhor de formação geral para quem não pretende seguir a carreira docente (há a notar que a maioria dos estudantes de Estudos Clássicos nas universidades do Reino Unido não se destinam ao professorado, mas a uma grande variedade de carreiras profissionais).

As universidades no Reino Unido estão profundamente preocupadas com os cortes orçamentais impostos pelo presente governo e pela sua atitude de hostilidade para com os Estudos Humanísticos. Alguns Departamentos universitários de Estudos Clássicos mais pequenos têm sido obrigados a fundirem-se com outros, e todos vivem apreensivos pelo seu futuro, dentro de uma situação em que é virtualmente impossível recrutar novas gerações de professores universitários em número suficiente.

3. A situação escolar

O problema mais urgente a enfrentar no campo dos Estudos Clássicos pelas escolas oficiais é indubitavelmente a questão da mera sobrevivência; certos factores - decréscimo numérico, pressão governamental para introduzir mais formação profissional, aumento do número de alunos por turma, por razões económicas, sérias restrições orçamentais - tendem a limitar o número de disciplinas por currículo.

Os Estudos Clássicos são uma das áreas mais vulneráveis e é bem possível que cerca de dois terços das escolas do Estado já os não incluam nos seus currículos. Uma escola oficial a nível de curso geral a ensinar Estudos Clássicos oferecerá fundamentalmente um curso genérico, sem cunho filológico, a todos os alunos no primeiro ou nos dois primeiros anos (uma hora e meia por semana), e depois um curso de Latim de três anos (duas horas e meia a três horas e meia por semana), que conduz a um primeiro exame aos 16 anos de idade (o qual a breve trecho será substituído por uma nova forma de exame acessível aos 60% de alunos mais bem classificados).

O número de alunos que faz este curso de Latim será geralmente pequeno, talvez 10 alunos, e o número dos que estudam línguas clássicas nos últimos anos de escolaridade (dos 16 aos 19 anos) ainda será menor. Além disso, pode ainda haver um grupo de alunos em Estudos Clássicos sem estudo de língua e um grupo de alunos dos 16 aos 19 anos a estudarem Cultura Clássica - um curso de natureza idêntica ao oferecido por algumas universidades, mas de nível inferior. A responsabilidade deste curso cabe geralmente a um único professor, secundado por assistentes a tempo parcial.

Em contrapartida, nas escolas privadas - as chamadas "public schools" - ainda há grande percentagem de cursos de Estudos Clássicos, que são além disso de tipo tradicional e de cunho filológico. Pode haver, para muitos alunos, um curso de quatro anos que os leva ao primeiro exame de Latim (muitas vezes também de Grego) e um de mais dois anos, entre os 16 e os 18, para um grupo maior que estuda línguas antigas. Haverá mais professores e os estudos clássicos estarão assim sujeitos a menos riscos.

Por conseguinte, estamos perante o perigo de se confrontarem "dois mundos" no âmbito dos Estudos Clássicos a nível escolar: um, tradicional, que se encontra nas escolas privadas (muito ligadas na Grã-Bretanha tanto às classes privilegiadas como aos níveis de aproveitamento intelectual); outro, o mais que frágil mundo de Estudos Clássicos das escolas estatais (que educam 94% das crianças do país). Os riscos políticos de tal situação são óbvios. É assim se cai também num paradoxo: se se pretende que os Estudos Clássicos ofere-

gam algo de reconhecido valor educativo a todas as crianças, como se exige num sistema de cursos gerais, é nas escolas estatais - onde os estudos clássicos correm mais riscos - que as novas ideias têm de surgir.

Uma dificuldade que em breve se tornará mais aguda diz respeito à educação escolar para o grupo dos 16 aos 19 anos. É muito possível que este grupo etário se venha em breve a separar das escolas secundárias do Estado em muitas áreas do país e se ligue a número mais pequeno de colégios para os últimos anos de escolaridade, isto é, a colégios separados para estudantes dos 16 aos 18 anos. Tal hipótese virá a colocar-nos problemas sérios, pois haverá então o perigo de os estudos clássicos virem pura e simplesmente a desaparecer das escolas para alunos entre os 11 e os 16 anos.

O Grego é muito raramente ensinado nas escolas do Estado e, nas escolas privadas onde é ensinado, restringe-se a pequenos grupos. Não está necessariamente ligado ao estudo do Latim, mas é também verdade que não existe onde o Latim não é ensinado. Felizmente, continua a haver grande entusiasmo pelo estudo do Grego, e os alunos podem agora frequentar Escolas de Verão onde o ensino intensivo e dinâmico durante períodos muito curtos produz resultados dignos de nota, mesmo no caso de principiantes. As Escolas de Verão são actualmente um elemento essencial para a sobrevivência dos estudos helénicos no Reino Unido, e têm sido frequentados por uma percentagem elevada de alunos que estudam grego nas universidades.

Um factor de crescimento certo e encorajante é o desenvolvimento dos cursos de cultura clássica referidos acima para os alunos dos 16 aos 19 anos. Estão a difundir-se cada vez mais e começam a criar uma procura considerável relativamente às línguas clássicas - uma inversão curiosa do padrão habitual de ensino clássico em que o estudo da língua encaminha para o da cultura.

Em conclusão, os Estudos Clássicos no Reino Unido enfrentam problemas muito sérios e é difícil prever quais os resultados do actual estado de mudança. O que se pode dizer com segurança é que os classicistas não se abandonaram ao desespero e estão não só a tentar manter o que de melhor o passado nos legou como também a abrir-se construtivamente a novas possibilidades e a novos moldes de formação clássica.